

Gibran, o Líbano e a espiritualidade

Aida R. Hanania¹

Resumo: Este estudo, notas de comunicação oral no “XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura”, apresenta as raízes libanesas e religiosas da obra de Gibran Khalil Gibran, conhecido escritor árabe (radicado nos EUA) do século XX.

Palavras Chave: Gibran. Líbano. Religião.

Gibran, Lebanon and Spirituality

Abstract: This paper, originally a communication to the “XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura”, presents Lebanese and religious roots of the work of Gibran Khalil Gibran, the well-known arabic writer of the 20th century.

Keywords: Gibran. Lebanon. Religion.

Falar de Gibran Khalil Gibran é adentrar um universo privilegiado, onde se encontram, em íntima convivência, o lirismo do escritor, a genialidade do pensador e a sensibilidade do pintor...

É evocar o Líbano, seu país de origem, pequeno em extensão, grandioso por sua história, imensurável por sua importância, graças às circunstâncias geográficas que o situam como ponto de encontro entre Oriente e Ocidente.

A dualidade que define o país em sua posição física no mundo, estende-se à topografia e à totalidade de sua realidade antropológico-cultural, o que se revela a partir da paisagem telúrica, em que pontificam o mar e a montanha e da retrospectiva, ainda que ligeira, das grandes linhas de formação de seu povo.

O país ocupa na Síria geográfica, a mesma posição que Portugal na Península Ibérica. Sua superfície é de 10.400 km quadrados, sendo que a extensão de seu litoral é de 210 km e a largura máxima de suas terras mal chega a 70 km.

Em sua constituição, o Líbano se apresenta como um território que assume quatro aspectos distintos em seu sentido longitudinal: uma porção costeira à qual se segue um maciço montanhoso, um vale e outro maciço. Três conformações, entretanto, constituem propriamente, o país: o conhecido Monte Líbano, tendo a oeste a faixa litorânea e o Vale da Bekaa a leste.

O Monte Líbano é uma possante barreira que se estende pelo comprimento de 170 km, elevando-se a uma altura de 1000 a cerca de 4000m. É como a espinha dorsal do país. Tomba abruptamente sobre a Bekaa e em rígidas escarpas em direção ao Mediterrâneo. É habitado, fértil, opondo-se totalmente ao segundo maciço (que lhe é paralelo e do qual é separado pelo vale da Bekaa) que é árido, praticamente inabitado e conhecido como Anti-Líbano, que faz, atualmente, fronteira com a Síria.

Dois rios se destacam: o Oronte ao norte e o Litani ao sul.

Em virtude dessa configuração especial que o isola do interior e o predispõe ao mar, o Líbano abre-se amplamente para o Mediterrâneo. E é pelo Mediterrâneo que começa sua história. Em sua costa, sediaram-se as grandes civilizações que o mundo

¹. Professora Titular aposentada FFLCHUSP.

conheceu: os fenícios , em 3.000 a.C. atraídos pelo litoral, ali fundaram várias cidades, as atuais Beirute, Saida, Tiro (ou Sur) e Biblos, para citar as mais importantes. Seguiram-se a eles, os egípcios, hititas, assírios, babilônios, persas, selêucidas, romanos, bizantinos... que predispuseram sempre o país a complexas situações de contacto humanístico.

A poeta libanesa Andrée Chedid, citando Valéry, chama-nos a atenção para o intercâmbio ocorrido em seu solo, onde se acham as marcas da Humanidade inteira...

Lá, a excitação da troca, concorrência viva, concorrência do negócio, concorrência das forças, das influências, concorrência das religiões, concorrência das propagandas, concorrência simultânea de produtos materiais e de valores espirituais (...) O mesmo navio, a mesma embarcação, trazia as mercadorias e os deuses, as idéias, os usos e os costumes.

De 3.000 a. C. até o século VII, a história do Líbano gira em torno de seu litoral. A partir do século VII, torna-se também, história de sua montanha.

Naturalmente acolhedor e inexpugnável, o Monte Líbano foi o asilo seguro de diversas minorias (muitas vezes, dissidentes das regiões vizinhas) arraigadas a conceitos de liberdade muito próprios e que procuraram a montanha como refúgio.

Teve início, assim, o processo de edificação de um futuro estado com base na conciliação dessas minorias, representantes primeiras das comunidades cristã e islâmica que viriam a formar mais tarde - sem prejuízo de seus direitos individuais e fundamentais - a sociedade libanesa tal qual existe hoje.

Os primeiros a refugiarem-se nas montanhas foram os maronitas, que constituem a maior parte da comunidade cristã libanesa.

Descendentes de São Marun – que viveu em torno do ano 400 – os maronitas chegaram ao Líbano no século VII, através do rio Oronte, após abandonar a região de Antióquia (onde haviam se estabelecido) inaugurando, pois, a história da montanha, nela instalando-se na região norte. Católicos fervorosos, são naturalmente atraídos pelo Ocidente, fonte de sua inspiração religiosa.

As comunidades muçulmanas, por outro lado – que se seguiram na ocupação da montanha – são profundamente arraigadas ao Oriente e têm sua filosofia de vida no Alcorão.

Palco, de há muito, da interpenetração de valores mediterrâneo-ocidentais e orientais árabes, o Líbano acabou por se caracterizar como associação islâmico-cristã, tendo, como referência, as duas grandes religiões representadas pelas catorze comunidades étnico-religiosas (onze cristãs e três muçulmanas) que compõem sua população.

É fácil ver que, por estar voltado para o Oriente e para o Ocidente; por ser um país de encontro e de abrigo, o Líbano conheceu, ao longo de sua existência, múltiplas etnias, inúmeros idiomas, diversas formas de reverência a Deus, várias filosofias...

Repetindo a palavra emocionada do ensaísta Michel Chiha, o Líbano é um país que “tudo viu, tudo ouviu e que ainda se emociona com as confidências do mundo antigo”.

A consciência do mecanismo profundo de influências e intercâmbios culturais, ocorridos desde milênios em terras libanesas, motivou a Georges Schehade, conhecido escritor libanês, uma imagem de rara veracidade poética: “O escritor libanês é uma espécie de novelo, ligado a todos os tecelões da terra”.

Num contexto em que se é excessivamente marcado pela extraordinária proximidade dos elementos cósmicos que o país, tão cheio de contrastes, quanto exíguo, oferece à sensibilidade (um mesmo olhar pode captar a montanha, o mar, a neve, o sol, a cidade, o campo, o passado, o presente...), é compreensível que o escritor, o artista, e sobretudo o homem comum, encontrem as imagens de seu discurso, frequentemente, na natureza. As mais presentes são a do Mar, que concretiza a possibilidade da troca, do encontro, da descoberta do Outro, do alargamento da pátria e a da Montanha, que guarda as raízes mais autênticas do povo.

Fiel depositária da alma libanesa, a Montanha tem assumido um duplo papel através dos tempos: o de preservar os valores das comunidades que a integram e o de harmonizá-los entre si, permitindo, muitas vezes, uma síntese profícua que transparece na vida quotidiana, quer no plano familiar, quer no social, quer no plano da sabedoria popular, ultrapassando as particularidades geradas no terreno das convicções cristã ou islâmica.

O amor à simplicidade, à fraternidade, à hospitalidade, à valorização do saber (que vem da vida e a ela se volta); o respeito ao ancião... são regras fundamentais de vida para as inúmeras aldeias do Monte Líbano e traduzem-se em contos, parábolas, provérbios, em filosofia...

Os temas dessa cultura articulam-se pela consciência do país como traço de união entre dois mundos; pela coexistência do muçulmano e do cristão, dividindo a mesma terra, as mesmas angústias, as mesmas alegrias e o esteio da milenaridade...

A vida e a obra de Gibran

Em Bcharre, vilarejo semeado na montanha do norte do Líbano, situado entre os cumes nevados eternamente e os cedros milenares; cercado pelos desfiladeiros do vale de Kadisha; neste imponente cenário de rara beleza, nasceu Gibran Khalil Gibran, a 6 de dezembro de 1883.

O conhecimento das circunstâncias biográficas e do meio social e intelectual em que se desenvolveu, permite a constatação de que o libanês Gibran está indissociado do escritor, do filósofo e do pintor Gibran.

Nascido no seio da comunidade maronita, vivenciou a montanha como refúgio, tanto quanto vivenciou, desde tenra idade, a religião. Lembrando as palavras de Jean-Pierre Dahdah - referindo-se ao meio social em que o autor viveu em seus primeiros anos:

As verdades espirituais eram verdades sagradas, vividas no quotidiano. As festas ultrapassavam a repetição simbólica de um mistério ou a simples comemoração; elas eram um verdadeiro retorno cíclico do divino. Vivia-se por exemplo, a semana santa e a Páscoa como se Jesus sofresse, morresse e ressuscitasse pela primeira vez; participava-se de seu sofrimento, meditava-se sobre sua morte e vivia-se na plenitude da alegria de sua ressurreição. Jesus tornava-se, de certo modo, herói nacional, símbolo da salvação terrestre.

Desde a infância, portanto, a figura de Cristo fez parte de seu quotidiano e sua personalidade o marcou para sempre. Ao longo de sua vida e obra, vê-se que Jesus tornou-se seu ideal e seu modelo.

Uma breve retrospectiva sobre a existência de Gibran, faz-se necessária para que possamos, em seguida, distinguir os caminhos do poeta, os meandros de seu pensamento, a dimensão de seu humanismo e a consagração de seu trabalho.

Sua família tinha poucos recursos; seu pai, um homem rude, era lavrador e trabalhava também como coletor de impostos. Sua mãe, filha do pároco de Bcharre, ficou conhecida por sua belíssima voz com a qual ajudava o pai, cantando na igreja. Era sensível e inteligente (conhecia os idiomas árabe, siríaco, grego, francês e italiano, apesar de não ser letrada).

Tinha um irmão mais velho, do primeiro casamento de sua mãe, e duas irmãs mais novas: Mariana e Sultana.

Gibran, que estudou em colégio de padres, sofreu grande influência dos ensinamentos religiosos, o que não o impediu de se manifestar contra o clero, pois, segundo ele, os padres “nem sempre, viviam o que pregavam”. Reconhecia, porém, que seu avô era um homem de bem e o admirava “porque possuía todas as qualidades de um cavalheiro e homem honrado, e não por ter barba comprida e vestir batina escura”.

Por outro lado, no colégio, conviveu com padres italianos carmelitas que lhe apresentaram Leonardo Da Vinci e Michelangelo, artistas que o emocionaram e o inspiraram sobremaneira por toda a vida.

A pessoa mais importante da família era sua mãe. Ela admirava a vivacidade de raciocínio e a inteligência do filho, seu talento para escrever e desenhar.

Apesar da pouca idade, à medida em que se desenvolvia, Gibran passou a revelar crescente percepção dos problemas humanos e sociais de sua comunidade, repudiando toda e qualquer exploração, fosse das autoridades governamentais, fosse das autoridades religiosas em relação a sua gente.

Em 1894, emigrou para os Estados Unidos com a mãe e seus irmãos, em busca de uma vida melhor, instalando-se em Boston, onde havia uma grande coletividade libanesa. Seu pai permaneceu em Bcharre e nunca os seguiu.

Após uma estada de cerca de três anos na América, voltou ao Líbano para completar os estudos árabes, lá permanecendo por quatro anos. Retornou a Boston, onde a família passava por grandes dificuldades financeiras, situação agravada pela doença da irmã Sultana. Em breve espaço de tempo, perdeu a irmã, a mãe e o irmão (1902 - 1903).

Em seus escritos posteriores (1903 – 1908), transparece grande amargura e tristeza, pois sentia-se abandonado por Deus, como Jesus crucificado. Insiste também no desenho e na pintura, chegando a uma arte muito pessoal marcada por grande comoção.

Ainda em Boston, durante esses anos amargos, uma exposição de seus primeiros quadros atrai a atenção de Mary Haskell, em função da qualidade imaginativa e espiritualidade reveladas em seus quadros. Esta diretora de escola americana viria a ser sua maior admiradora e protetora por toda a vida. Na ocasião, propõe-lhe custear os estudos de Arte em Paris, o que o leva à Académie Julien na cidade-luz.

Em Paris, tem início a realização inacreditável de seus sonhos: o contato com museus, bibliotecas, a visita a exposições e principalmente, o encontro com artistas célebres, tais como Auguste Rodin; este lhe antevê um futuro promissor que, aliás, se inicia com a escolha de uma de suas telas para a Exposição de Belas Artes de 1910.

De Paris, volta a Boston e ainda em 1910, muda-se para Nova Iorque - onde suas pinturas foram expostas várias vezes - e lá permaneceu até sua morte, em abril de 1931.

Mansour Chalita nos lembra que de 1905 a 1920, Gibran escreve quase que exclusivamente em árabe, publicando sete livros no idioma: 1905, *A Música*; 1906, *As Ninfas do Vale*; 1908, *As Almas Rebeldes*; 1912, *As Asas Quebradas*; 1914, *Uma Lágrima e um Sorriso*; 1919, *As Procissões*; 1920, *Temporais*. Um oitavo livro, também escrito em árabe, foi publicado após sua morte, sob o título de *Curiosidades e Belezas*, composto de artigos e histórias já publicados em outros livros e de algumas páginas inéditas.

De 1918 a 1931, o autor dedica-se a escrever em inglês, publicando oito livros: 1918, *O Demente*; 1920, *O Precursor*; 1923, *O Profeta*; 1927, *Areia e Espuma*; 1928, *Jesus, Filho do Homem*; 1931, *Os Deuses da Terra*. Após sua morte, foram publicados: 1932, *O Errante*; 1933, *O Jardim do Profeta*.

Estilo e temática

Ao recordar o significado de “poeta” em língua árabe, entendemos, de imediato, porque Gibran foi alçado à condição de guia espiritual, condutor de almas em direção ao autêntico humanismo a que todos devemos aspirar: o poeta é o *sha'ir*, isto é, “aquele que sente”; por isso, o papel proeminente do poeta dentro da cultura árabe é a capacidade de sentir e de manifestar sua verdade na transferência de seus sentimentos à humanidade. Nesse sentido, cabe chamá-lo “poeta dos poetas”.

Com suas raízes fincadas no Oriente, Gibran não concebe a Arte como um ato gratuito. Ao contrário, considera-a irremediavelmente ligada à noção de finalidade.

Desse modo, constrói sua obra em torno de sua vivência, exercendo sua sensibilidade, sua religiosidade e sua reflexão, impulsionado por seu amor à Humanidade, a serviço do aprimoramento de seu semelhante.

Em seus escritos, principalmente nos primeiros, é nítida sua revolta quanto ao clero que compactua com o regime feudal de seu país, subjugando o povo, sobretudo o trabalhador mais simples. Repudia a injustiça social, certos hábitos e comportamentos ditados pela Tradição, tais como, o casamento ‘arranjado’, a ‘norma’ e a ‘regra’ que tolhem a autenticidade dos sentimentos mais puros, pois “falsas são as doutrinas que causam infelicidade ao homem”.

O romance *Asas Partidas* descreve como as tradições sociais mortas e uma autoridade religiosa corrupta afetam a vida de dois amantes, provocando-lhes um imenso sofrimento. Seu tema gira em torno dos tabus, tradições e normas sociais do Oriente Médio que fazem da mulher uma vítima. Este, que é o texto mais longo de Gibran em árabe, conta a história do amor não correspondido de um jovem por uma mulher casada e infeliz (Selma Karame).

Na verdade, o romance retoma, de certa maneira, a situação vivida pelo próprio Gibran, quando de sua ida ao Líbano, em relação ao frustrado relacionamento com Hala Daher (que, entretanto, manteve-se solteira, assim como Gibran).

O amor é a única flor que brota e cresce sem a ajuda das estações. (*Asas Partidas*)

O amor limitado procura a posse do amado. Mas o amor ilimitado nada procura senão a sua própria realização. (*Asas Partidas*)

Compreende-se, pois, o impulso na direção da Liberdade em seu sentido mais amplo como o bem mais legítimo do ser humano.

Às portas da cidade e em vossos lares, eu vos vi prosternar-vos e adorar
vossa própria liberdade,
Como escravos que se humilham perante um tirano e glorificam-no
embora ele os destrua.
Sim, na alameda do templo e à sombra da cidadela, tenho visto os mais
livres entre vós carregar sua liberdade como um jugo e um grilhão.
E meu coração sangrou dentro de mim; pois só podereis libertar-vos
quando até mesmo o desejo de procurar a liberdade se tornar um jugo
para vós, e quando cessardes de falar da liberdade como de uma meta e
de um fim. (*O Profeta*)

Seu estilo aproxima-se muito dos textos sagrados: da Bíblia, do Evangelho, do Alcorão... e seus ensinamentos articulam-se em torno da intuição, da imaginação, da profecia...

Então, Almitra disse: “Fala-nos do Amor”.
E ele ergueu a fronte e olhou para a multidão, e um silêncio caiu sobre
eles, e com uma voz forte, ele disse:
Quando o amor vos chamar, segui-o,
Embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados;
E quando ele vos envolver com suas asas, cedei-lhe,
Embora a espada oculta na sua plumagem possa ferir-vos;
E quando ele vos falar, acreditai nele,
Embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos como o vento devasta
o jardim. (...) (*O Profeta*)

A matéria simbólica das imagens que utiliza revela valores elaborados ao longo do tempo, permitindo ao homem mais simples, sua absorção, aproximando-o da parábola e do aforismo, já que em sua alma ardente, acha-se contida a mais profunda sabedoria oriental. Dentre tantas constatações, o poder do sonho:

Mas os séculos que aniquilam as realizações do homem
Nada podem contra seus sonhos e sentimentos. Estes sobrevivem com o
espírito poderoso e eterno, embora desapareçam aparentemente, como o
Sol desaparece durante a noite e a Lua durante o dia. (*As Ninfas do Vale*)

Sob a inspiração da Natureza (a terra, o céu, as árvores, os campos, a montanha, o mar, o deserto, as estações...) Gibran procurou transmitir, frequentemente em forma de parábolas, suas convicções sobre temas atinentes ao Homem: ontem, hoje, amanhã..., esteja ele no Oriente ou no Ocidente...

Em textos impregnados de beleza e simplicidade, o poeta-profeta nos falou da religião, do amor, da morada, do trabalho, da alegria, da tristeza, da honestidade, da bondade, do casamento, dos filhos, da dor e do prazer, da prece, da amizade, da convivência e da despedida, da nostalgia... enfim, de todas as circunstâncias que nos acompanham desde o Nascimento até a Morte, atingindo infalivelmente a universalização e a perenidade de sua obra.

Vossa alegria é vossa tristeza desmascarada.
E o mesmo poço que dá nascimento a vosso riso foi muitas vezes
preenchido por vossas lágrimas.

E como poderia não ser assim?
Quanto mais a tristeza cravar a sua garra em vosso ser, tanto mais alegria podereis conter.
Não é a taça que contém vosso vinho a mesma que foi queimada no forno do oleiro?
E não é a lira que acaricia vossa alma a própria madeira que foi entalhada a faca? (*O Profeta*)

Sobre os Filhos, brindou-nos com a reflexão que, pela lucidez, significa um grito de alerta a tantos dentre nós que, inconscientemente, nos esquecemos da individualidade essencial daqueles que trazemos à luz.

Vossos filhos não são vossos filhos.
São filhos e filhas da saudade da Vida por si mesma.
Eles vêm através de vós mas não de vós.
E embora vivam convosco, não vos pertencem.
Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos.
Podereis abrigar seus corpos, mas não suas almas;
Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho. (...)
Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.
O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda Sua força para que Suas flechas se projetem, rápidas e para longe.
Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:
Pois assim como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que permanece estável.

A diversidade de momentos vividos, quer sejam motivados pela angústia, ou pela serenidade; pelo sucesso ou pelo fracasso; pelo amor ou pelo abandono; pela tristeza ou pela alegria, pela realidade ou pela arte, revelaram sempre, a adoração que Jesus suscitava na vida de Gibran. Tal constatação se pode observar de maneira cristalina em suas obras mais consagradas, quais sejam: *O Profeta* e *Jesus, Filho do Homem*.

Em *O Profeta*, o autor ensina a amar a vida, a exercer a gratidão e a generosidade.

Em *Jesus, Filho do Homem*, ensina a amar Jesus, que ele aproxima de nossa humanidade: para Gibran, o Mestre é um ser humano como nós.

Retomando a aguda percepção de Dahdah, ainda que moldando a figura de Jesus à sua convicção, “Gibran conseguiu tornar palpável a fascinação, a superioridade, o poder miraculoso, a influência irresistível de Jesus sobre os homens”. E acrescenta: “se Deus se dá plenamente em sua palavra e seu espírito, quer dizer que não só se humaniza, mas, mais que isso, abre ao homem a possibilidade de se divinizar.”

Ele não era um Deus, era um homem como nós, mas Nele, a mirra da terra subia para encontrar o incenso do céu. Em Suas palavras, nosso balbucio abraçava o murmúrio do invisível e em Sua voz, ouvíamos uma canção insondável. (*Jesus, Filho do Homem*)
Disseram que Jesus era inimigo de Roma e da Judéia. Mas eu digo que Jesus não era inimigo de nenhum homem e de nenhuma raça.

Ouvi-o dizer: “Os pássaros e os cumes das montanhas não se preocupam com as serpentes em suas tocas escuras. Que os mortos enterrem seus mortos. Permanecei vós entre os vivos e voai nas alturas”.

Jesus foi o início de um novo reino sobre a Terra, e esse reino permanecerá. (*Jesus, Filho do Homem*)

Se quisermos distinguir ao longo de sua trajetória, uma linha evolutiva de sua arte – seja a poética, seja a pictórica – e de sua filosofia, podemos dizer que as sementes de sua obra surgiram em sua infância, ganharam forma na juventude e se perpetuaram em seus escritos, reflexões e pinturas.

Na verdade, o Líbano nunca saiu de sua retina e de seu coração. Suas primeiras composições revelam a rebeldia do jovem ao criticar as injustiças sociais e as tradições antiquadas de seu país. Chegou a militar em certos grupos de imigrantes nacionalistas, tentando libertar sua gente do jugo turco, da fome e da miséria.

Decepcionou-se, entretanto, quando viu o Líbano livrar-se do domínio otomano e cair nas mãos da França colonialista.

A liberdade que desejou a seu país não prosperou, pois o Líbano soberano de seus sonhos sucumbiu à chegada do exército francês (embora muitos compatriotas se satisfizessem com o domínio colonialista).

A desilusão no campo político e social impulsionou ainda mais a trajetória do escritor e pintor, transformando-o de revolucionário em espiritualista.

Certamente, suas raízes orientais misturaram-se às raízes da arte e filosofia ocidentais, graças ao convívio com os mestres ocidentais, tanto na França quanto nos Estados Unidos.

Gibran foi fortemente influenciado por Rodin, que conheceu pessoalmente. Associa-se sua pintura ao artista francês por características do Romantismo que privilegiam a imaginação e a subjetividade.

Na Literatura atribui-se-lhe posturas do Pré-romantismo de Rousseau e de William Blake.

Na Filosofia, a crítica o aproxima de Nietzsche.

Não houve influência, entretanto, que lhe ofuscasse o estilo peculiaríssimo e a marca de precursor da Literatura árabe moderna, muito mais ligada ao conteúdo que à rigidez da forma.

Conta-se que o Presidente Wilson, certo dia, assim o cumprimentou: “Você é a primeira tempestade oriental a varrer este país, e quantas flores trouxe consigo!”

Frases do próprio Gibran parecem vir ao encontro da originalidade que a crítica merecidamente vem lhe atribuindo ao longo do tempo:

Uma obra de arte é uma neblina esculpida em uma imagem.

O verdadeiro artista é aquele que fita o Sol com pálpebras firmes e agarra o fogo com dedos que não tremem.

Gosto de ser livre para criar a minha forma de arte. A beleza completa não pertence a uma escola específica. O sentimento fiel de um artista é reproduzido na sua simplicidade.

Recebido para publicação em 02-03-13; aceito em 12-04-13